

UPDATE

apdc

Digital Business Community

#52

JULHO 2020

CICLO DE CONVERSAS DIGITAIS:
COMO REINVENTAR O NEGÓCIO NO CONTEXTO
DIGITAL?

“O Futuro das
Qualificações Digitais”

“O FUTURO DAS QUALIFICAÇÕES DIGITAIS”

Cooperar para fazer acontecer

Preparar o país para o futuro pós-COVID e para o embate de potenciais novas crises que possam vir a ocorrer terá de passar, obrigatoriamente, por uma forte aposta nas qualificações. Há vontade de trabalhar, muito a fazer e um sentido de urgência generalizado que tem agora de ser traduzido em medidas concretas e eficazes.

AS COMPETÊNCIAS terão de ser centrais na estratégia nacional para a transformação digital da economia e da sociedade e a pandemia veio exatamente comprovar a necessidade premente dessa aposta. Sob pena do nosso país não conseguir acompanhar o ritmo da mudança rumo a um mundo cada vez mais digital. No mercado, há uma grande capacidade de cooperação e cocriação entre entidades, já comprovada, sendo uma realidade olhada como um trunfo essencial para garantir o sucesso e poder diferenciar Portugal no contexto europeu. Temos muitas oportunidades e temos capacidade para acelerar. É preciso é fazer acontecer, garantem os oradores do WebMorning APDC sobre “O Futuro das Qualificações Digitais”, realizado a 16 de julho, em parceria

com a Microsoft Portugal.

“As TIC foram essenciais, no cenário de pandemia, para a continuidade dos negócios e para a vida das pessoas. E com a urgência cada vez maior da digitalização, tudo está a ser transformado de forma radical. O que significa que, cada vez mais, vamos precisar de pessoas com qualificações digitais”, alertou no início do encontro o presidente da APDC, para quem “todos vamos precisar de maiores qualificações, para podermos aceder às várias formas de interação no digital”. O grande tema do país é, para Rogério Carapuça, conseguir definir uma estratégia que permita que essas qualificações cheguem a toda a população de uma forma massiva.

Este é exatamente um dos objetivos da Comissão Europeia (CE), que anunciou a 1 de julho



16 julho
10:00h

O Futuro das Qualificações Digitais

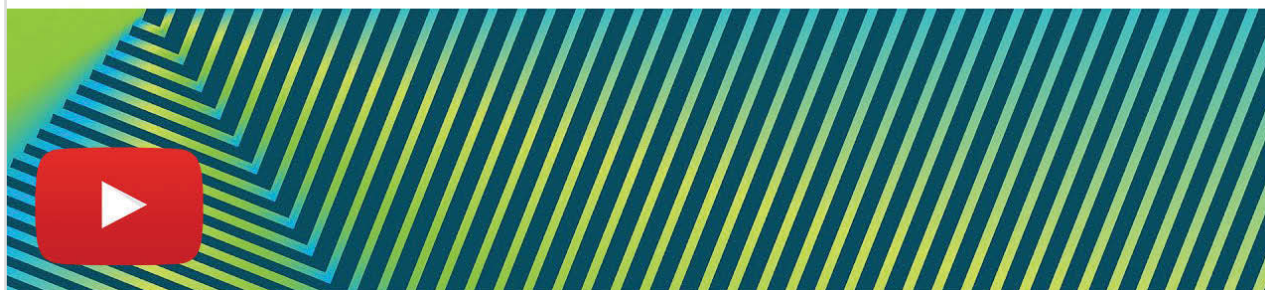
COMO REINVENTAR O NEGÓCIO NO CONTEXTO DIGITAL?

Webinar patrocinado por:



Com o apoio:

Expresso



um pacote de propostas legislativas que endereçam as necessidades dos jovens e da qualificação ao longo da vida, com “ênfase em assegurar que os adultos tenham acesso a formas de requalificação muito mais eficazes”, como destacou João Santos, sénior expert da CE. O pacote teve em conta a realidade europeia e as aprendizagens retiradas da pandemia, assim como os desafios da economia verde e da transição digital para o futuro da União Europeia.

No total, a agenda para as competências definida por Bruxelas apresenta 12 medidas. Nestas, o responsável comunitário destaca o ‘Pact for Skills’, a lançar em novembro, com o qual se pretende envolver todos os stakeholders, públicos e privados, nos desafios da requalificação; e as ‘individual learning accounts’, que vão per-

mitir que cada pessoa passe a ter uma espécie de conta corrente para usar na sua aprendizagem ao longo da vida.

A CE tem como metas, neste âmbito, ter até 2025 pelo menos 50% dos europeus em idade ativa a participar em ações de formação ao longo da vida, 30% dos adultos com baixas qualificações a participar na aprendizagem, 20% dos desempregados com competências digitais sustentáveis e 75% dos adultos com competências digitais básicas.

Mas se a abordagem política europeia está definida, faltará agora aprovar o financiamento, através do já proposto Quadro Financeiro Plurianual europeu até 2027 e do Plano de Recuperação, agora em negociação. Com eles, a Comissão Europeia pretende não só resolver

os problemas mais urgentes de uma Europa que regista uma recessão histórica, mas também estimular a economia e preparar melhor o espaço europeu para ultrapassar novas crises que possam surgir no futuro.

O responsável europeu considera também, tendo em conta os dados oficiais comunitários, que Portugal tem dado “saltos inacreditáveis” ao nível digital nos últimos anos. Ainda assim, continua abaixo da média europeia em muitos indicadores, até porque também os demais países avançaram rapidamente, o que veio criar, em alguns casos, um gap ainda maior. É o caso do capital humano e da utilização dos serviços digitais online, onde o nosso país continua muito atrasado, pelo que as qualificações terão de ser uma prioridade.

UM TEMA DE ESTRATÉGIA EMPRESARIAL

Nas empresas, o tema das qualificações assume uma importância cada vez mais estratégica. Paula Panarra, diretora-geral da Microsoft Portugal, destaca que a necessidade de as organizações terem funções mais técnicas, tanto em termos globais como no mercado nacional, já existe há muito, sendo um tema que o grupo tem acompanhado de perto. Até porque, cada vez mais, já não se trata apenas de formação para quem entra no

mercado de trabalho, mas, sobretudo, da aprendizagem ao longo da vida, para se adquirirem as qualificações necessárias para as profissões do futuro.

Consciente dessa realidade, a tecnológica tem dado o exemplo, ao desenvolver, internamente, uma estratégia de apoio aos seus profissionais.

Nomeadamente com a criação de uma plataforma com as formações obrigatórias e complementares, muitas delas em parceria com entidades de ensino. Foram também criados dias específicos para self-learning, área onde há progressos grandes na preparação dos seus colaboradores para os próximos desafios.

Para a sociedade, têm sido disponibilizadas pelo grupo plataformas abertas de learning, umas mais genéricas e outras mais técnicas, que incluem até formações gratuitas e que registaram uma procura muito elevada durante os meses de confinamento. Foi ainda lançada recentemente uma iniciativa a dois anos para conferir competências tecnológicas e digitais a 25 milhões de pessoas em 10 profissões consideradas de futuro.

“Capacitar para uma maior empregabilidade é o objetivo claro”, diz Paula Panarra, que deixa claro que a generalidade das empresas não tem investido nesta área, mas que terão de o fazer, sob pena de ficarem para trás.

Todas as pessoas vão precisar de ter maiores qualificações, para poderem aceder às várias formas de interação no digital. Portugal tem o grande desafio de definir uma estratégia que permita que as qualificações cheguem a todos, de forma massiva



A aprendizagem para a vida tem que ser o novo normal, num mundo em que o talento terá de ganhar competências que o diferencie cada vez mais das máquinas

Também na Axians, capacitar os profissionais é essencial, sendo mesmo uma commodity. “Sem competências digitais ficamos em clara desvantagem competitiva, muito embora tê-las também não seja uma vantagem competitiva. É um investimento necessário, mas não suficiente”, assegura a sua Executive Director, Carmo Palma.

Para além das competências técnicas, a gestora destaca como essencial para dar resposta ao mercado e ganhar competitividade, que os

recursos humanos tenham competências que os diferenciem das máquinas, as chamadas soft skills. Considerando que “a aprendizagem é para a vida e as empresas têm a responsabilidade de contribuir para o ensino”, destaca que o valor das competências se cria pelo crescimento horizontal, que é promovido nos cursos de formação, e pelo crescimento vertical, através do qual se transforma a perspetiva do que sabemos. “Estamos a testemunhar mudanças a um ritmo sem precedentes. Para termos valor, enquanto



João Santos

Sénior Expert, Comissão Europeia

“Apesar das dificuldades no nosso país, há uma consciência geral do que são os grandes desafios, há muita vontade de trabalhar e também muito trabalho a ser feito no terreno, para conseguirmos colmatar os problemas”

“A COVID veio dar um sentido de urgência àquilo que todos sabíamos que tinha de ser feito, mas onde achávamos que havia uma margem de conforto para ir fazendo. Veio alertar as pessoas para a urgência de ação imediata. O setor de educação é um claro exemplo”



Paula Panarra

Diretora Geral, Microsoft Portugal

“A pandemia veio acelerar o que já muitos tinham em plano, mas que seria para mais tarde. Este acelerar mostrou, de facto, que para os portugueses a dificuldade aguça o engenho. A rapidez com que a maioria das empresas e das escolas criaram uma possibilidade de continuar a trabalhar foi notável”

“Há muitos passos que é preciso dar para a adoção das nossas possibilidades de flexibilização do formato de trabalho. Mas é para aí que acredito que caminemos, de modelos de trabalho cada vez mais híbridos”

profissionais, empresas e país, é obrigatório termos competências digitais e daí a importância de programas como o UPskill”, salienta.

Do lado das instituições de ensino superior, a visão é de otimismo. Pedro Dominginhos, presidente do CCISP - Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos, começa por destacar a enorme evolução conseguida nos dois últimos anos em termos de número de licenciados em TIC, que passaram de 1,2% do total de licenciaturas para os atuais 1,9%.

O resultado fica a dever-se ao desenvolvimento e implementação de uma estratégia concertada entre a academia, as empresas e o Estado, nomeadamente através do InCoDe.2030. Destacou ainda o papel essencial dos cursos técnicos superiores profissionais, idealizados e desenhados em articulação com as empresas, para responder às suas necessidades concretas. Em 5 anos, estes cursos envolveram 25 mil estudantes e taxas de conclusão com sucesso de 75%, respondendo de forma rápida às necessidades das regiões e das organizações. Bragança, Castelo Branco, Viseu e Fundão são referidos por Pedro Dominginhos como “exemplos muito claros de como é possível ultrapassar a tirania da geografia do interior. O que significa que é possível, com políticas con-

cretas, obter resultados. Tem é que haver uma lógica de ecossistema e de cocriação com um conjunto articulado de atores do território. Isso é essencial”.

Para o presidente do CCISP, está agora a caminhar-se para uma outra dinâmica, a de ter diferenciação nas formações ministradas ao nível

do ensino superior, que respondam a necessidades distintas do mercado e sejam formações ao longo da vida, área onde é preciso investir fortemente.

Neste âmbito, os politécnicos têm em curso um conjunto de iniciativas, em articulação com o IEFP, nomeadamente para permitir a qualificação de licenciados em áreas não tradicionais. É o caso do UPskill, programa desenvolvido em parceria com a APDC e o IEFP, para a requalificação em áreas específicas definidas pelas empresas envolvidas, que permite às pessoas reconverter totalmente a sua carreira para uma área tec-

nológica. Pelas contas atuais, há já 2500 candidatos ao programa, cuja 1ª edição arranca em setembro.

O académico não tem dúvidas de que a pandemia veio potenciar este tipo de iniciativas, mostrando ainda que é possível adotar, com sucesso, estratégias de e-learning. Alerta ainda para o trabalho da inclusão que é necessário fazer, para

Há exemplos claros de como é possível ultrapassar a tirania da geografia do interior. Com uma lógica de ecossistema e de cocriação e um conjunto de atores do território é possível obter resultados



Carmo Palma

Executive Director, Axians

“Não estamos bem preparados e há áreas em que temos de trabalhar. Temos desafios, muitos já conhecidos, e a diferença e o sucesso estarão no contributo que todos poderemos dar, dependendo muito do fazer em escala. Há muitas oportunidades”

“Ter a característica de ser autónomo e self directed, no mundo em que vivemos hoje, onde é tudo muito rápido e muito exigente, tem de partir de nós. Não podemos ficar à espera”



Pedro Dominginhos

Presidente, CCISP

“Temos um ponto de partida muito claro e uma condição que não existia há 10 anos: a capacidade de cooperação entre diferentes instituições. Isto significa ter alinhamento estratégico e, dada a urgência, um call for action, que é essencial”

“Sabemos que se não nos juntarmos e se não tentarmos resolver os problemas em conjunto, as consequências serão muito piores. Há muito trabalho a fazer e a pandemia veio demonstrá-lo. Sentido de urgência e cooperação serão cruciais para vencer os desafios”

combater o analfabetismo digital, que continua a ser uma realidade no mercado nacional.

TRANSFORMAR DESVANTAGENS EM VANTAGENS

Mas não terá Portugal um ponto de partida mais difícil, tendo em conta a necessidade urgente e de grande dimensão em tomar medidas, perante a perspectiva de uma segunda vaga da COVID-19 já a partir do outono? Rogério Carapuça diz que não estando o país “especialmente qualificado para lhe correr bem esta nova revolução”, o que terá é que “saber trabalhar bem para transformar as nossas desvantagens em vantagens”. Se não o souber fazer, corre o risco de se transformar num país periférico, não pela geografia, mas porque ficará sem acesso ao capital e às competências, num mercado onde existe ainda um enquadramento legislativo demasiado complexo e, por isso, dissuasor do investimento.

E o problema não está nem na infraestrutura digital ou nas plataformas de software, que existem e com muita qualidade. Também não está na acessibilidade, tendo em conta que mais de 80% dos portugueses já vêm notícias na internet e acedem às redes sociais, o que mostra que quando querem acedem online. O problema está, para o presidente da APDC, no facto de “não se usar o digital para os negócios e para a produtividade pessoal. É isso que nos falta”.

Para Rogério Carapuça, o caminho passa por “continuar a descomplicar e garantir que tudo é transaccional se consegue fazer online. Temos de puxar pelas nossas competências e criar as que não existem, para que as empresas usem as TIC para serem mais eficientes. E para que as pessoas consigam usar as suas competências para fazer negócios”.

João Santos não tem dúvidas de que “há uma consciência geral do que são os desafios do futuro e também muita vontade de trabalhar” no mercado português. “A COVID-19 teve um aspeto positivo: dar um sentido de urgência ao que já sabíamos que tinha que ser feito, mas onde achávamos que tínhamos uma margem de conforto. Veio acordar as pessoas para a urgência da ação imediata”, garante.

Até em Bruxelas, onde os processos de planeamento são longos, “houve uma capacidade de reação da CE como nunca até agora na definição de medidas e financiamentos

para endereçar os principais problemas com que nos defrontamos”. Na sua ótica, o maior problema está agora do lado dos estados-membros: “todos os anos, centenas de milhões de euros são perdidos pelos estados-membros porque não tem a capacidade de transformar os apoios europeus em iniciativas concretas a nível nacional. Não é o caso de Portugal, que tem uma das melhores máquinas de utilização de

Saber trabalhar bem, transformando as desvantagens em vantagens, tem que ser o caminho para o nosso país. Sabendo usar o digital para os negócios e para a produtividade pessoal



Rogério Carapuça

Presidente, APDC

“Portugal não está especialmente qualificado, à partida, para lhe correr bem esta nova revolução. Não acho que tenhamos nesta crise mais vantagens do que tínhamos nas anteriores. Temos é que trabalhar bem para transformar as desvantagens em vantagens”

“Temos que saber puxar pelas nossas competências e criar as que não existem, para conseguir que as empresas usem as TIC para serem mais eficientes e para que as pessoas consigam usar as competências para a sua produtividade e fazer negócios”

fundos estruturais que existe na Europa. Temos um sistema que funciona relativamente bem”. Para Pedro Dominginhos, “há um ponto de partida que conhecemos e que é fundamental: as decisões têm que ser tomadas baseadas nos dados”. O país beneficia ainda de uma condição que não existia antes, que é a grande capacidade de cooperação entre as diferentes entidades, o que significa “um alinhamento estratégico e, dada a urgência, uma call for action, que é essencial. Sabemos que se não nos juntarmos a resolver os problemas, as consequências serão muito piores”. Para o académico, “há muito trabalho a fazer e a pandemia veio criar novos desafios, mas nós somos capazes”.

Nas empresas, o otimismo também domina. Carmo Palma diz que há áreas em que o país não está preparado e há que saber agora como trabalhar nelas. É preciso olhar para a realidade e ver o que fazer, sendo que o sucesso dependerá da atitude e contributo de todos, em escala, e com proatividade, porque há muitas oportunidades.

Também Paula Panarra assegura que, tendo consciência das dificuldades, nomeadamente em termos de inclusão, o país vai conseguir ultrapassar a situação. Aliás, o nível de resposta durante o confinamento deixou bem clara a capacidade nacional. Acresce que hoje, a oferta tecnológica evoluiu de tal forma que não exige grande investimento inicial às PME para se prepararem para a nova realidade, onde “fazer tudo remoto” é cada vez mais essencial. Agora, é tudo uma questão de “fazer acontecer”.•

WEBINAR PATROCINADO POR:



APOIO:

Expresso

>>>> **Aceda**
>> **ao vídeo**
> **do Evento**

<https://youtu.be/gF3bR56aHpA>



Patrocinador Institucional



Patrocinadores Silver



Patrocinadores Bronze

AXIANS CISCO DELOITTE DXC TECHNOLOGY EY GFI
GOOGLE HP HPE IBM MICROSOFT MINSAIT INDRA
NOVABASE SAP SAS

Parceiros

NOSSA VdA VIATECLA